



## RECONSTRUINDO A FILOSOFIA DE NIETZSCHE A PARTIR DAS QUESTÕES DE GÊNERO: UMA ANÁLISE DA REPRESENTAÇÃO DO FEMININO NA OBRA NIETZSCHIANA A PARTIR DE UM DEBATE CONTEMPORÂNEO<sup>1</sup>

Alexandre Bartilotti Machado <sup>2</sup>  
Márcia Maria da Silva Barreiros <sup>3</sup>

### RESUMO

Neste trabalho, objetiva-se analisar a representação do feminino na obra de Nietzsche (1844-1900), autor assaz importante à formação de pensadores como Foucault (1926-1984), Deleuze (1925-1995) e Derrida (1930-2004), através de um debate contemporâneo que intenta o estudar através das questões de gênero. Para tal, elegemos obras de três de seus comentadores que lidaram diretamente com a questão: "Leituras Feministas de Nietzsche" (2002)", "Nietzsche e o feminino", de Giacoia Junior e "Da realidade ao sonho: Nietzsche e as imagens de mulher", de Marton (2010). Com isso, pretendemos, de forma relacional, confrontar as obras em suas semelhanças e diferenças, buscando, no fim, compor considerações críticas em torno de Nietzsche e suas considerações acerca do gênero feminino. O debate conceitual ocorre em torno da categoria gênero conforme proposta por Scott (1986).

**Palavras-chave:** Nietzsche, Gênero, Feminismo, Filosofia, História.

### INTRODUÇÃO

As palavras já não são o que foram no passado. Como nos lembra Marc Bloch (2002, p. 141): "Nada mais difícil para um homem do que se exprimir a si mesmo.". Essa desconfiança em relação às palavras, comum aos historiadores analíticos e mais comum ainda à totalidade das ciências humanas na Pós-Modernidade, nos traz um importante alerta: já não é mais possível produzir discursos históricos e historiográficos sem a devida crítica ao processo de escrita e de interpretação. Concepção mestra do Pós-Estruturalismo, a crítica da linguagem, sobretudo no *Curso de Linguística Geral* (1916), de Saussure e em *A Ordem do Discurso* (1971), de Foucault, a partir da renovação da linguística no primeiro e da denúncia

---

<sup>1</sup> Esse artigo é a versão modificada, ligeiramente resumida e aprimorada de um artigo intitulado O nietzschianismo e a problemática do feminino: contribuições para um debate acerca de educação e gênero (2018). Para mais, ver: MACHADO, A. B. O nietzschianismo e a problemática do feminino: contribuições para um debate acerca de educação e gênero [no prelo]. In: V Jornada Pedagógica e I Jornada Pedagógica Internacional do DEDC I-UNEB, 2018, Salvador/BA. *Anais eletrônicos da V Jornada Pedagógica e I Jornada Pedagógica Internacional do DEDC I-UNEB*. Salvador: UNEB, 2018.

<sup>2</sup> Graduando do Curso de História – Licenciatura da Universidade Estado da Bahia – UNEB – campus I, alexandrebmachado@yahoo.com;

<sup>3</sup> Professora orientadora: doutora em História pela PUC – SP – Pontífca Universidade Católica de São Paulo (2004), mbarreiros@yahoo.com.br.



da carga ideológica própria aos discursos no segundo, modifica-se a percepção sobre a escrita e as formas de se entender os textos escritos, atentando-nos às evidentes construções sociais do processo discursivo (PETERS, 2000, p. 20-7).

Dessa maneira, percebemos como, hoje, podemos desconstruir significados a partir da crítica ao significante. Contudo, na contemporaneidade, além disso, há outros processos em curso, como a criação de novas palavras para o esclarecimento de determinadas questões. Assim se deu a criação do termo “gênero” enquanto categoria de análise própria à História.

Nesse ínterim, nosso objetivo é relacionar a problemática do feminino proposta pelos estudos de gênero em consonância com as representações do pensamento de Nietzsche em três de seu comentadores. Como nossa fonte de análise escolhemos três artigos “Leituras feministas de Nietzsche” (2002), de Laura Ferreira dos Santos, “Nietzsche e o feminino” (2002), de Oswaldo Giacoia Junior e “Da realidade ao sonho: Nietzsche e as imagens de mulher” (2010), de Scarlett Marton. Objetivamos, assim, a partir dessa interconexão expor uma interpretação crítica de Nietzsche baseada numa investigação acerca do feminino nas três obras.

## METODOLOGIA

Os estudos de gênero, hoje sabemos, vão além de apenas relatar, conforme as historiografias tradicionais, a participação de mulheres em eventos históricos, chegando, mesmo a propor uma revisão do paradigma teórico-metodológico vigente, priorizando, em vez das limitadas explicações biologizantes, múltiplas visões dialógicas acerca da construção social do masculino e do feminino.

Para nosso debate conceitual, baseamo-nos na categoria de análise “gênero”, conforme proposta pela historiadora americana Scott (1986, p. 1056), quando a mesma afirma que:

[...] rejeita explicações biologizantes, assim como aquelas que buscam um denominador comum para diversas formas de subordinação feminina no fato de as mulheres terem a capacidade de darem à luz e de homem terem maior força física. Ao invés disso, gênero se torna uma maneira de evidenciar as “construções culturais” – a completa criação social das idéias sobre os papéis de homem e mulher. É um jeito de se referir as origens exclusivamente sociais das identidades subjetivas de ambos os sexos. Gênero é, em sua definição, uma categoria social imposta sobre um corpo sexuado.<sup>4</sup>

<sup>4</sup> No original: “[...] rejects biological explanations, such as those that find a common denominator for diverse forms of female subordination in the fact that women have the capacity to give birth and men have greater muscular strength. Instead, gender becomes a way of denoting “cultural constructions” – the entirely social creation of ideas about appropriate roles for women and men. It is a way of referring to the exclusively social origins of the subjective identities of men and women. Gender is, in this definition, a social category imposed on a sexed body.” (tradução nossa).

A pesquisa exposta neste artigo é de ordem documental. A leitura aqui realizada sobre as fontes se deu através do viés crítico, orientando-se em busca de resultados que permitam a problematização das informações coletadas dos documentos.

## O NIETZSCHIANISMO, O FEMININO E O FEMINISMO

Nascidos, sobretudo, dos movimentos feministas, os estudos de gênero revisaram diversas questões e propuseram algumas novas: tais inovações se referem também aos estudos nietzschianos (TORRÃO FILHO, p. 130-1): adotando duas perspectivas de leitura – de um lado, Nietzsche em relação às mulheres e ao feminismo e, do outro, as mulheres e o feminismo em relação a Nietzsche – diversos autores produziram interessantes obras acerca de tais problematizações. Aqui, nos atentaremos a três publicadas em solo brasileiro: *Leituras feministas de Nietzsche* (2002), de Laura Ferreira dos Santos, *Nietzsche e o feminino* (2002), de Oswaldo Giacoia Junior e *Da realidade ao sonho: Nietzsche e as imagens da mulher* (2010), de Scarlett Marton. Resumiremos, aqui, a forma como cada obra se constrói, bem como apontaremos a perspectiva de cada um dos trabalhos, buscando compor considerações em torno das possíveis relações entre os textos, estudando primeiramente os textos de Giacoia e Marton e, posteriormente, o de Santos devidos às suas perspectivas, buscando, enfim, expor um panorama crítico de Nietzsche em relação ao gênero feminino.

Em seu trabalho, *Nietzsche e o feminino*, Giacoia foca em *Para Além do Bem e do Mal*, através de uma suposta interligação propiciada pelos escritos nietzschianos entre a temática do feminino em consonância com sua tese antimetafísica e suas desconstruções de valores; o objeto de análise se afunila na perspectiva do prefácio da já citada obra, quando Nietzsche compara, metaforicamente, a verdade com a mulher: é nesse momento que Giacoia percebe a temática do feminino surgir como mais que meramente subsidiária, podendo ser, dessa maneira, abordada de forma mais direta e profunda.

Do modo como procuro interpretar o estatuto e o papel dos recursos estilísticos, das imagens e procedimentos retóricos na construção dos argumentos de Nietzsche, julgo poder vislumbrar aqui uma mobilização estratégica da questão do feminino, trazendo-a para o coração mesmo do debate antiplatônico [...]. (GIACOA JUNIOR, 2002, p. 10)

Seguindo, Giacoia Junior analisa o que a verdade-mulher significaria enquanto sentença filosófica numa tradição canônica predominantemente androcêntrica: para ele, enquanto mulher, a verdade não poderia ser considerada de outra forma senão como sinônimo de beleza e graça, enquanto mistério e volubilidade. Sendo assim, o racionalismo dogmático com vista à formação de sistemas filosóficos, não seria a forma correta de se filosofar.

A vocação dos filósofos para os grandes sistemas seria uma bizarra tentativa de violação à verdade, com o princípio de encerrá-la, pressurosamente e com toda a segurança, nas invencíveis fortalezas dogmáticas que para ela construíram, aqueles majestosos castelos metafísicos, a que hoje damos nome de *sistema*. Porém, de acordo com Nietzsche, é justamente assim que não se deve tratar uma mulher. (GIACOIA JUNIOR, 2002, p. 11, grifos do autor)

Nesse ínterim, percebendo a verdade-mulher como “potência artística do disfarce, da transformação, da dissimulação”, o autor propõe que ao rejeitarmos o discurso platonista a partir de um aprofundamento das questões pós-kantianas, podemos nos ver no prefácio de *Para além do bem e do mal* e nos aforismo da sessão *Nossas virtudes*, pertencentes ao mesmo livro, pode-se esclarecer a questão com mais propriedade. Para além disso, o autor aponta, ademais, que nas sentenças de Nietzsche é possível perceber, além da questão da verdade-mulher, uma duplicidade em relação aos perfis das mulheres: a mulher em si e a autêntica mulher (GIACOIA, 2002, p. 13-4). Ainda emergente no século XIX, o feminismo já mostrava sua influência e seu poderio intelectual, é a partir daí que Nietzsche tece suas críticas. Dessa maneira, no texto de Giacoia o antiplatonismo de Nietzsche é tratado como base para uma determinada crítica ao feminismo oitocentista.

A “mulher científica” deseja esclarecer os homens sobre “a mulher em si”; com isso, sub-repticiamente reedita a estratégia ancestral de idealização, que é constitutiva do platonismo: ou seja, ela cria a hipóstase metafísica “da mulher”, ficciona algo como uma essência objetiva uma essência fixa do Feminino, fixa “a mulher” num conceito e, ao fazê-lo, transforma a feminilidade da mulher numa entidade puramente intelectual, numa idéia puramente abstrata, que só pode ser apreendida e exposta pelo olhar privilegiado da *teoria*. (GIACOIA JUNIOR, 2002, p. 15, grifos do autor)

Sendo assim, há, para Nietzsche, de acordo com a perspectiva de Giacoia Junior, uma relação evidente entre o platonismo e o feminismo, que se manifesta numa reedição das idealizações acerca do feminino e da feminilidade. Caso queiramos olhar de outra maneira, podemos compreender a crítica ao feminismo platonista dos oitocentos como uma especialização das críticas nietzschianas ao Estruturalismo, no sentido de promover identidade fixas aos atores sexuais; para o filósofo, cientificizar a mulher, ou seja, torna-la conhecível seria o mesmo que violentar o feminino no que tange às suas características naturais.

Para isso [cientificizar a mulher], é necessário desenraizar a mulher da carne e da terra, exaurir todo o seu sangue, fogo e paixão, privá-la do corpo feminino, transfigurar a mulher numa abstração, capaz de ser *igual ao homem*, dotada de *iguais* direitos e prerrogativas; em outras palavras: colonizar e masculinizar o eterno Feminino. (GIACOIA JUNIOR, 2002, p. 15, grifos do autor)

Nesse ínterim, a ideia do eterno Feminino aparece como um foco de resistência à mulher em si: podendo ser vista de forma paradoxal num primeiro olhar, o eterno Feminino presume que características tipicamente femininas como a sensualidade, o mistério e a dissimulação, mesmo que sejam negativas em alguns contextos, formam a mulher em toda a

sua complexidade, inclusive no que diz respeito aos seus aspectos positivos. Portanto, cientificar a mulher seria antinatural e levaria, juntamente como já havia ocorrido com os homens e, por extensão, com o pensamento dos filósofos anteriores, a uma negatização do mundo sensível. Assim, “a luta feminista pela emancipação da mulher, de acordo com o juízo de Nietzsche, faz-se a partir da crença esclarecida na *mulher em si*, das tentativas científicas de fixar objetivamente a natureza do feminino e de sua verdadeira e justa posição ante o masculino.” (GIACIOIA JUNIOR, 2002, p. 17, grifos do autor)<sup>5</sup>. Nietzsche parece perceber as tensões entre os sexos como um sinal positivo, uma confirmação dos conflitos que tornam possível o movimento do universo em sua eterna marcha em torno de si mesmo. Sendo assim, falar como mulher significava justamente não falar sobre a mulher. Giacoia Junior termina seu trabalho, resume sua proposta, com as seguintes palavras:

[...] poderíamos dizer que o enfraquecimento e a atrofia dos instintos mais femininos na mulher seria o mais repugnante sintoma do *enfeimento* geral da Europa, herdeiro legítimo do empreendimento platônico de enfeimento do Ocidente. Uma patologia que Nietzsche, como médico da cultura, obstinou-se em combater. Nesse imenso deserto em que se vai transformando a Europa, Nietzsche vê no feminino um oásis, no qual ainda habita uma possibilidade de redenção. (GIACIOIA JUNIOR, 2002, p. 31, grifos do autor)

Passemos, a seguir, ao texto de Marton. Orientando-se pela mesma perspectiva de Giacoia Junior, o texto de Marton opera através de uma possibilidade perspectivista semelhante, a de enxergar as mulheres e o feminismo através de problematizações possíveis advindas dos próprios escritos de Nietzsche. Ao invés de *Para Além do Bem e do Mal*, a autora aqui se utiliza de *A Gaia Ciência*. Perceptivelmente ciente das discussões feministas e das críticas externas em relação ao filósofo, Marton inicia seu texto, de forma breve, a partir de uma advertência e de uma ponderação:

As considerações de Nietzsche sobre a condição feminina foram, durante muito, tomadas com precaução, seja por causa da misoginia que se julgava estar presente em seus textos, seja graças ao antifeminismo que acreditava neles se manifestar. Revelava-se muito mais prudente, ao que parece, ignorar suas posições a respeito das mulheres assim como suas observações sobre o feminino.

Nas últimas décadas, muitos são os escritos que se voltaram para essa questão; eles se situam sobretudo no contexto dos estudos feministas publicados em língua inglesa. De modo geral, duas têm sido as perspectivas adotadas: debater acerca das eventuais contribuições da filosofia nietzschiana para as discussões feministas e discutir como interpretar as observações de Nietzsche sobre as mulheres. [...] há tanto quem advogue a ideia de que sua escrita é feminina quanto quem defenda a posição de que ele é antifeminista. (MARTON, 2010, p. 162-3)

---

<sup>5</sup> Aqui vale uma contribuição de Krahe e Matos (2010, p. 4): “A Ciência positivista, “masculinizada”, mantém uma relação de domínio, controle sobre o discurso identitário do que é ser mulher. Essa posição de Ciência tenta retirar da mulher o espaço de estranhamento, do corpo sensível que percebe o fugidio à essa realidade identitária dada. Assim, o autor alertava que a força da mulher pode ser opositora a questão da verdade produzida pela ideia de ciência masculinizada.”

Nesse ínterim, percebe-se uma dualidade muito grande em relação às conclusões que advém de tais estudos, conclusões essas que muitas vezes já são enviesadas desde os objetivos dos textos, pois, como se viu, até agora, de forma majoritária, estudiosos se preocuparam apenas em despreza a questão do feminino e da feminilidade, atribuir caráter positivo ao pensamento nietzschiano por suas contribuições às teorias feministas ou, simplesmente, considera-lo um misógino como seus pares oitocentistas, tudo isso sem, contudo, observar o próprio Nietzsche em suas considerações acerca das mulheres de forma problematizadora. Uma das questões que podem nos ajudar a compreender melhor suas considerações sobre o feminino, segundo a autora, seria a questão da natureza humana na visão do alemão. Acerca disso, Marton expõe que “Não é por julgar existir uma natureza humana que ele clama a que se naturalize o homem; não é por acreditar haver uma substância própria ao ser humano que exorta a que se volte ao *homo natura*.”; assim, é necessário ter em mente que “A ideia de natureza humana apresenta-se, na ótica nietzschiana, completamente desprovida de sentido. O homem, como o animal e o vegetal, é constituído de células em combate permanente, é feito de uma pluralidade de adversários em luta inevitável” (MARTON, 2010, p. 164, grifos do autor). Percebe-se, dessa maneira, que a naturalização em Nietzsche, inclusive no que se refere ao feminino, é carregada de um anseio antimetafísico que se caracteriza pela tentativa de descobrir aquilo que nos constitui, mesmo que, dado o sentido passageiro das realidades e composições das corporalidades, de modo temporalmente estabelecido, para além da racionalidade, o que é em si mesmo uma crítica ao movimento da chamada filosofia dogmática, dando a se saber as correntes Idealista e Positivista.

Em seguida, a autora (MARTON, 2010, p. 174) aponta a presença de diferentes perfis de mulheres elencados por Nietzsche na sequência estudada dos aforismos n’A *Gaia Ciência*: 1) “mulheres idosas que se tornam cétricas”, 2) “mulheres nobres afetadas por uma certa pobreza de espírito”, 3) “mulheres que exageram suas fraquezas”, 4) “mulheres que devem proceder a uma simulação de si mesmas”, 5) “mulheres cheias de docilidade”, 6) “mulheres capazes de vingança”, 7) “mulheres em que ‘o melhor do homem se tornou ideal encarnado’”, 8) mulheres castas, 9) “mulheres que são mães” e 10) “as pequenas mulheres”. É necessário atentar aos perfis de mulheres expostos por Nietzsche, pois, ao contrário do que de forma primeira e leviana poder-se-ia imaginar, ao invés de uma estereotipação, tendem a um uso consciente e inteligente da tipologia. Acerca disso, Marton (2010, p. 176-7):

Intimamente ligada ao procedimento genealógica, a tipologia não vem simplesmente desqualificar a ideia de natureza humana; ela vem descreditar também a identidade feminina. Em suma, lançando mão da tipologia, Nietzsche recorre a um meio que lhe permite distanciar-se do pensamento metafísico.

[...].

[...].

A verdade, que é mulher, bem sabe que tal verdade não existe, pois ela mesma não é verdade que acreditam que seja. Em outras palavras, a verdade, que é mulher, percebe como uma afronta a verdade doutrinária perseguida pelos filósofos dogmáticos. Com suas vestes e adornos, cheia de vestes e adornos, cheia de pudor, ela se põe fora de seu alcance, pois opera em outro registro.

Nesse ínterim, a autora termina seu artigo apontando o caráter metafórico do uso do feminino no pensamento nietzschiano como um meio de combate aos filósofos idealistas e positivistas. Colocamos esse artigo em conjunto com o anterior, de Giacoia Junior, pois os dois analisam as mulheres e o feminismo a partir do pensamento de Nietzsche. A obra a seguir, realiza seu percurso intelectual, através da perspectiva oposta: analisar e interpretar o pensamento de nosso filósofo através de um olhar exterior mediado basicamente pelas discussões feministas e suas possibilidades relacionais com a filosofia do oitocentista alemão.

Em *Leituras Feministas de Nietzsche*, Laura Ferreira dos Santos, estudiosa portuguesa, começa abordando sua trajetória pessoal em contato com as obras nietzschianas, ressaltando como diversos autores, inclusive ela, relegaram o problema em torno do feminino em seu pensamento como uma questão de segunda ordem. Em seguida, ela expõe a partir de quais formas a questão feminina foi abordada por seus estudiosos.

[...] há duas atitudes fundamentais a tomar: ou se afirma simplesmente que ele era misógino, encerrando-se aí o assunto, ou percebe-se, de facto, que os seus comentários sobre as mulheres são tão abundantes e tão relacionados com questões centrais da filosofia que encerrar dogmaticamente Nietzsche na misoginia impede de se perceber melhor as dobras de seu pensamento. (SANTOS, 2002, p. 14)

Seguindo, a autora retoma a questão já tocada pelos dois autores anteriormente exposto acerca da relação entre a mulher e a verdade, percebendo-se que, em Nietzsche, eles se ligam também através de outros sentidos, como o da força produtiva e da gravidez espiritual. No que tange às questões políticas de seu tempo, são apontáveis as dualidades existentes na atitude de Nietzsche, tais como a rejeição ao feminismo oitocentista e seu projeto de extensão de direitos às mulheres, em contraste com seu reconhecimento das pesadas condições sociais atribuídas ao feminino, sobretudo às mulheres casadas (SANTOS, 2002, p. 15-8). Das dualidades de Nietzsche, se sobressaem, no entanto, uma visão da sociedade fundada numa distinção baseada nas diferenças sexuais. A partir desse naturalismo próprio de seu pensamento, Nietzsche concebe um projeto social que confere papéis de gênero diametralmente opostos a homens e mulheres como forma da humanidade se reconectar à natureza e promover a superação de si mesma.

Enquanto que o homem deve ser educado para a guerra, a mulher deve ser educada para o descanso do guerreiro. [...]. Nesse caso [o da vitória feminista], mulheres e homens acabarão

por perder: as mulheres perderão o faro excelente para conseguirem por meios indiretos e relativamente fáceis – os adornos, a mentira, a aparência, a beleza, entre outros – aquela influência junto dos homens que uma situação de igualdade não proporcionará tão facilmente de acordo com Nietzsche. Os homens, esses, perderão sua crença num ‘eterno feminino’ em que poderiam descansar de suas atribulações. (SANTOS, 2002, p. 15)

Além disso, a autora aponta como sendo três os fatores que, provavelmente, mais influenciaram Nietzsche em seus posicionamentos sobre as mulheres: 1) o sexismo presente em sua conjuntura espaço-temporal, 2) as más relações com sua mãe e irmã e, enfim, 3) o reconhecimento do peso da sociedade patriarcal sobre as mulheres. Seguindo as múltiplas posições possíveis encontradas em livros como *Feminists interpretations of Nietzsche* (OLIVER; PEARSALL, 1998) e *Marine Lover of Friedrich Nietzsche* (IRIGARAY, 1991), Santos expõe um panorama de considerações em torno de Nietzsche que, de modo geral, não negam nem ignoram sua misoginia, variando desde tentativas de compreendê-la a até mesmo o uso de seu próprio método genealógico a fim de desconstruir sua misoginia (SANTOS, 2002, p. 20). Encerrando seu artigo, Laura dos Santos defende uma visão do feminino em Nietzsche baseada numa suposta maternidade masculina, ou seja, através da gravidez dos homens, plenos a gerar novas ideias e possibilidades (SANTOS, 2002, p. 32-3)<sup>6</sup>. Nesse ínterim, Hatab (1981, p. 343) expõe uma boa contribuição para finalizar essa questão:

Acredito que Nietzsche alertaria às feministas modernas que, dentro de uma busca legítima, existe uma discreta possibilidade de uma forma de dominância masculina (apolínea) definitiva e completa sobre a feminina (dionisíaca). Nietzsche gostaria de assegurar que a distinção (e tensão) entre os gêneros masculino e feminino é preservada em alguma forma. Eu acredito que ele perguntaria: Quanto do feminismo contemporâneo se trata uma preferência implícita por características masculinas?<sup>7</sup>

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Caso revisemos as três perspectivas apresentadas, veremos como em Giacoia e em Marton há um olhar direcionado às mulheres a partir do pensamento nietzschiano que culmina, nos dois casos, numa tentativa de interpretação das considerações de Nietzsche

---

<sup>6</sup> Há aqui uma importante contribuição de Barboza e Silva (2014, p. 1413): “O que é curioso em Nietzsche é que, mesmo exaltando os aspectos femininos, digamos assim, seus preconceitos o punham numa trama direcionada ao homem, não a mulher; o preconceito e a libertação do preconceito se entrelaçam na obra de Nietzsche. Ao criar seu “eterno feminino”, não como verdade, mas como foco interpretativo, Nietzsche tentava fixar uma imagem elevada: as mulheres deviam conservar essa feminilidade – e portanto não querer direitos iguais aos dos homens, rejeitando a esterilidade dos ideais modernos – ao passo que os homens deviam buscá-la – assim rejeitando também a esterilidade dos ideais modernos.”.

<sup>7</sup> No original: “I think Nietzsche would warn modern feminists that within the legitimate pursuits of certain individuals there is the veiled possibility of a final and completed form of masculine (Apollonian) dominance over the feminine (Dionysian). Nietzsche would simply want to insure that the masculine-feminine distinction (and tension) is preserved in some form. I think he would ask: How much of contemporary feminism is an implicit preference for masculine traits?” (tradução nossa).

acerca do feminino; no caso de Santos, o oposto ocorre, é o feminismo quem irá propor considerações em torno do trabalho do alemão.

No caso dos dois primeiros autores, é possível perceber que a temática do feminino se liga ao projeto de desconstrução da metafísica para a construção de uma nova cultura alemã e europeia; no caso da última autora, percebe-se como a própria misoginia, cara aos oitocentos, se funde ao pensamento de Nietzsche, que, embora possa não ser considerado machista, ainda assim percebe na superioridade política do poder masculino e na rejeição das ideias feministas – criando uma cultura em que os papéis de gênero sejam diametralmente opostos – um sintoma saudável de desenvolvimento social.

Para Nietzsche, enfim, cabe à mulher, por ela mesma, através da conscientização acerca de si e de seu potencial social, se esconder e conservar dentro de si o mistério do feminino para o bom equilíbrio da sociedade. Óbvio que esse exercício, semelhante à polidez das mulheres aristocráticas helênicas<sup>8</sup>, enquanto representação de propostas para as relações entre os sexos deve ser problematizada por nós, seus estudiosos contemporâneos, a fim de perceber os limites e possibilidades de Nietzsche e do nietzschianismo para a contemporaneidade.

## REFERÊNCIAS

- BLOCH, M. **Apologia da História, ou o ofício de historiador**. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.
- GIACOIA JUNIOR, O. Nietzsche e o feminino. **Natureza Humana**, n. 4, v. 1, p. 9-31, jan./jun. 2002.
- HATAB, L. J. Nietzsche on woman. **The Southern Journal of Philosophy**, v. 19, n. 3, p. 333-345. 1981. Disponível em: <<https://onlinelibrary.wiley.com/doi/pdf/10.1111/j.2041-6962.1981.tb01439.x>>. Acesso em: 24 jul. 2018.
- IRIGARAY, L. **Marine Lover of Friedrich Nietzsche**. New York: Columbia University Press, 1991.

---

<sup>8</sup>Atentemo-nos ao que dizem Machado e Barreiros (2019, no prelo): “Não defendemos aqui a identificação de uma igualdade ou uma equidade entre os gêneros – aliás, o que poderiam significar esses termos nos tempos da Odisseia? –, defendemos, sim, uma divisão das atividades baseada na dialética dos gêneros. Nesse sistema, os dois são ativos para a harmonia social. De um modo simbólico, por tudo que já vimos, Ulisses representa aquele que constrói o futuro de sua linhagem. E Penélope? Ela é a base da tradição grega, o símbolo do passado sem o qual a construção do futuro tornar-se-ia impossível.”

MACHADO, A. B.; BARREIROS, M. M. S. Uma leitura do feminino na Odisseia: o caso de Penélope e o perfil da mulher helênica pré-socrática [no prelo]. **Revista de História** – Universidade Federal da Bahia, Salvador, v. 7, n. 1-2, 2019.

MARTON, S. Da realidade ao sonho: Nietzsche e as imagens da mulher. Estudos Nietzsche, Curitiba, v. 1, n. 1, p. 161-179, jan./jun. 2010.

OLIVER, K.; PEARSALL, M. **Feminist interpretations of Friedrich Nietzsche**. Philadelphia: The Pennsylvania State University Press, 1998.

PETERS, M. **Pós-estruturalismo e filosofia da diferença**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

SANTOS, L. F. **Leituras feministas de Nietzsche**, n. 2, p. 11-41. 2002. Disponível em: <<http://www.interacoes-ismt.com/index.php/revista/article/download/30/31>>. Acesso em: 18 jul. 2018.

SCOTT, J. W. Gender: a useful category of historical analysis. **The American Historical Review**, v. 91, n. 5, dez. 1986. p. 1053-1075.

TORRÃO FILHO, A. Uma questão de gênero: onde o masculino e o feminino se cruzam. **Cadernos Pagu**, n. 24, p. 127-152, jan./jun. 2005.